

# Releituras poéticas

*Nilze Costa e Silva*

Existem livros dos quais não esquecemos e os visitamos de vez em quando, como gostaríamos de visitar uma casa que nos deixou boas lembranças. Passear por eles nos faz recontar histórias sugeridas pela nossa imaginação.

Recentemente aventurei-me na releitura dos textos poéticos de Horácio Dídimo, Naquele momento o meu mundo interior conectou-se ao escritor, no seu tempo e espaço. Ousei então vislumbrar uma outra perspectiva dos poemas. A arte ingovernável da palavra, de que falou o poeta Cassiano Ricardo, me permitiu a tamanha ousadia de reconstruir esse tempo/espaço, utilizando a imaginação e intertextos, através de alguns versos do poeta Horácio Dídimo. Nessa travessia, busco recriar, através do conto, as mais belas expressões poéticas do autor. É também uma forma de homenagear a passagem poética de um ser apaixonado pela ternura, pelas crianças e pela fantástica experiência de viver neste Planeta Terra. Escolhi quatro de suas principais obras. Inicialmente, entro no *Tempo de Chuva* (1967), livro de estréia de Horácio Dídimo.

## Tempo de Chuva

*... Esta tarde nublada não me mete medo*

A chuva escorria por trás da vidraça, indiferente ao rosto sério e embaçado, colado ao vidro do lado de dentro. São dessas tardes que despertam dentro da gente saudades longínquas e a esperança de abraçar um tempo que tanto se foi como se vai ainda agora, com a chuva que desenha sombras fantásticas e disformes na vidraça da casa. Românticos são loucos desvairados. Mesmo assim visualizo estradas, indiferente à fila dos mortos. A flor, a fumaça se desfazendo ao longe e o sol, tudo isso reflete a longa espera. É tempo de mudança, um tempo “que não tem anestesia”. Na tarde quase finda, a última lembrança: a

valsa rodopiada como se no espaço, como se deslizando sobre nuvens. Eu sou aquela “que perambula pelos jardins esperando o alvorecer”

Algumas palavras ao menos. Decifre-as ou elas te devoram. As palavras também amanhecem e entardecem, como “as doces meninas de outrora”. Olho-me no espelho: um dia vem, outro dia já se foi e eu envelheço como as flores. Nenhum príncipe apareceu para ressuscitar os meus lábios com o beijo da aurora. Fito-me na menina que sempre pensou que o Lobo Mau não era mau, só tinha fome. Apesar do tempo, a vida continua e os dias de muito sol endomingam as segundas-feiras.

Existe luz entre as estrelas, “à meia noite um poema é sempre triste”. O anjo passou por aqui, meu querido anjo da guarda, “um anjo descuidado que me deixou sozinha”, justamente quando eu mais precisava dele. Deixa-me num banco de jardim, emparedada, carregando o fardo da “aguda consciência deste instante”.

Eu ia casar em dezembro, mas depois pensei que dezembro para mim é o mês da solidão. A solidão é um monstro que “tem olhos pretos e cegos de não chorar”. Desisti de casar e preferi contar histórias do arco da velha. Histórias do Patinho Feio que nunca morreu afogado, pois viu sua beleza no espelho das águas.

\*\*\*

Em *Tijolo de Barro* (1968) visualizo poemas um tanto pessimistas, um certo humor cinza, mas que certamente refletem uma época. Afinal, vivíamos um período cruel de ditadura no Brasil. É recorrente os temas da guerra, bomba, destruição de valores e uma certa desilusão ante este tempo, como por exemplo: Medida de ordem Econômica: quem estiver com fome, majestade / deve aguardar mais três dias / para ver se perde o apetite. Ou O Abismo: nas profundezas do abismo / os aparelhos de ar, refrigerado abafam a nossa voz / já não clamamos ao Senhor.

## Tijolo de Barro

*Um dia ainda haverá alguém que diga não*

Acabou o desespero. Não existe mais aquela ânsia de cortar os pulsos. Na rua, vejo pessoas desorientadas à procura de coisas que não são capazes – ou merecedoras – de possuir. Por isso, dançam aos sons de violinos que, às vezes, dizem sim, às vezes não. Procuram a louca gargalhada da paz. Dançam, indiferentes à corda que cai. Escondem o pescoço para que a Lanterna de Diógenes não aponte os defeitos do seu tempo.

A lição. Aprendi-a dando a mão ao tempo, dia e noite, no tic-tac do relógio. Este delineou a desorientada paisagem/passagem do ser humano pela Terra. A solução? Como nos resolver ante a memória da trajetória da bomba, símbolo da rosa letal, do vento final?

Ainda é tempo, embora as coisas nunca peçam nossa opinião. Comemorações se farão no dia em que as crianças dormirem tranquilas, veladas pelas maravilhas da natureza que doura as “pílulas da saudade”. Na cartilha, um menino joga a bola do futuro. De repente, pode acontecer uma coisa extraordinária: a felicidade, água límpida e pura em meio à floração das rosas, desafiando toda a gravidade.

No meio do caminho, não mais as pedras, o abismo, mas, sobretudo, a vontade de voar, quem sabe “pedindo emprestado as asas de um passarinho”... Que as mulheres possam se ver belas em seus espelhos mágicos de Branca de Neve (e que isso seja permitido pelas leis do País). Não existe fim do mundo, somos apenas passageiros como nuvens em tempo de chuva, sem perder o sonho da madrugada. Nada de “ficar calados diante de certas coisas”, o lado é o da paz, porque ela é “redonda e total”. O longo caminho nos dirá que o meu, o teu e o nosso coração esperam o milagre, a hora da verdade, mesmo que não tenha nome. Sim, “o nosso momento é verde, como as cantigas do mar”.

Mesmo que a terra estremeça, nunca irei pedir para parar e descer, porque não existe “jamais”. Sou portadora de fichas verdes e vou tomar, sim, o meu lugar na esperança. Melhor começar tudo de novo e

deixar que o poeta reconstrua sua desilusão, nisso ele é mestre. Só ele pode atravessar o vendaval e reconstruir os “poemas da infância”.

\*\*\*

*A Nave de Prata* surgiu em 1991, que o autor denomina: Livro de sonetos e Quadro Verde – poemas visuais. Os poemas transbordam de sentimentos afetivos. Natureza, Amor, Deus, são temas recorrentes na obra.

### A Nave de Prata

*O amor, é mesmo um dom inestimável  
Ou talvez seja um sonho indestrutível...*

Eu quero cantar, falar, mas não consigo. “Tão de repente, o que é que eu vou calar, se digo tantas coisas por falar, se falo tantas coisas sem dizer?” *A Nave de Prata* me leva além do planeta Terra. O enigma não se traduz em um minuto, mas nas cores do sentimento, da contemplação, da espera, esperança. Talvez se traduza na festa de viver esse momento, sendo instrumento dessa orquestra. Escrevo um poema onde reafirmo o que mais quero e as dores que jamais espero. “O que é que é feito de pequenas dores”? Eu diria que as dores que jamais esperamos. Sempre fui mestra em chorar minhas dores. Pois nelas aprendo que “Deus é fonte de paz e harmonia”.

Se chega a hora de esperar, não espero. Quero ser chamada de menina, ter “gestos leves e olhos de brinquedo”. Não quero fugir à criança eterna que habita as primeiras luzes de um tênue amanhecer.

Se eu fosse cantora ouviria a minha voz e cuidaria para que meu sol refulgisse. Ouviria a voz do mar, do sino, delém, delém, saudaria mês a mês a lua. “O simples ficou tão de repente em mim...”

Todas as coisas que me rodeiam são raízes. “Na verdade, é o amor que sobressai”. Amor pelo mais simples, uma tela comum, daquelas tantas, repletas de luz... a casinha, a árvore, a montanha, o sol... Que-

ria ser uma árvore que abriga amores, lembranças, outros seres, uma árvore que dá sombra e luz, pois foi para isso que a gente nasceu. “Vejo tudo bem claro na memória, tudo o que fez e faz a nossa história”.

\*\*\*

O livro *A Nave de Rubi* (2006) é dividido em três momentos: Exercícios de Admiração, Exercícios de Navegação e Exercícios de Contemplação. Nele, o poeta Horácio Dídimo presta homenagem aos amigos escritores e pessoas que fazem parte do seu círculo afetivo, mas particularmente à sua amada Evendina, que enriqueceu sua Nave de Rubi com filhos netos e noras.

## A Nave de Rubi

*Nossa vida a dois são quarenta sóis, quarenta rubis, quarenta faróis...*

Certa vez embarquei numa Nave de Rubi. Logo senti a sensação de ter entrado num mundo repleto de poesia. Uma luz intensa me cegou momentaneamente. A Nave era uma grande arca, que crescia no amor a cada vez que entrava alguém. Um clarão imponente distraía a minha atenção. Embarcou o Domador de Relâmpago. “Entre cobra e lagartos, reconstruíu seu poema”. Pelas mãos da poesia, rosas de toda estação. Muitas pétalas, de múltiplas formas. Naquele espaço fraterno entra o filho de Dona Evendina, rememorando seu caminho, contando sua história. Contava do tempo e trazia lembranças. O aluno itinerante agora virou cadete, nas lutas de cada dia.

O véu do espaço cobria a Nave na sua longa trajetória em busca de amigos. Jesus era reverenciado, “palavra encarnada, fruto da Virgem Maria, verdade e certeza. A graça sobre a graça que supera toda a lei...”. A prece acalmou, a todos. Era a hora de receber o apascentador de estrelas. Dos campos da glória surgiram Moreira & Natércia, “unidos em seus contos, numa só história.”

O laço do silêncio foi rompido. O sol chegava na hora e botava a cabeça de fora. “Um frêmito já se espalhava nos espelhos das palavras”. Todos fitaram o céu, naquele momento mágico, pois uma chuva de pétalas celebrava o espaço. Eram Antenor e Amélia. Não se demoraram. Fugiram juntos para viver sua eternidade.

Uma lua imponente distraía a minha atenção. Foi quando o céu se fez azul-cobalto. Marinheiros sem bússolas começaram a navegar. Surgia Marly Vasconcelos, linda, numa nuvem de folhas brancas ...

Ainda hoje a Nave de Rubi guarda o dom da amizade, dos sentimentos cristãos, dos poemas de ternura e compaixão. Singra os caminhos do tempo, conduzindo malabaristas do verso e flores versificadas. Nas asas da leitura, viaja sem parar.

Nessa Nave inesquecível encontrei Horácio Dídimo poetizando os amigos e seus livros, o voo das borboletas, as flores, os passarinhos e todas as Nossas Senhoras.